

# política



## Repórter Brasília Edgar Lisboa

edgarlisboa@jornaldocomercio.com.br

### Mourão alerta para semestre de risco

O segundo semestre começa sob a combinação de dois fatores que tendem a dominar a agenda nacional: a corrida eleitoral, e o agravamento das tensões internacionais. Para o senador gaúcho Hamilton Mourão (Republicanos, foto), ex-vice-presidente da República, o Brasil atravessa um período de elevado risco político, institucional e econômico, exigindo equilíbrio das lideranças e prioridade aos interesses permanentes do País.



GERALDO MAGELA/AGÊNCIA SEMDO/IMVAGACAO/IC

### Semestre desafiador

Em entrevista à coluna, Mourão afirma que “tanto a campanha eleitoral quanto o cenário internacional são dois pontos de preocupação para o Brasil, o que torna o segundo semestre extremamente desafiador”. Na avaliação do senador, “a disputa política já interfere diretamente no ambiente institucional, enquanto a política externa amplia as incertezas para a economia brasileira”.

### Interesses nacionais

Entre os principais desafios, Mourão cita a relação entre Brasil e Estados Unidos. Para ele, divergências entre governos não podem comprometer uma parceria estratégica construída ao longo de décadas. “O Brasil deve conduzir suas relações internacionais com pragmatismo, responsabilidade e foco no interesse nacional”, resume o senador. Segundo ele, “os interesses permanentes do Estado brasileiro precisam estar acima das divergências ideológicas e eleitorais”. A avaliação ocorre justamente no momento em que as discussões comerciais entre Brasília e Washington ganham importância para diversos setores da economia.

### Chega de revanchismo

No cenário interno, Mourão entende que o ambiente político continuará tensionado até as eleições. Escândalos, disputas judiciais e embates entre os Poderes deverão permanecer no centro das discussões nacionais. Durante pronunciamento no Senado, o parlamentar defendeu uma mudança de postura das instituições. “O Brasil precisa de pacificação, de serenidade e de instituições que dialoguem entre si”, afirmou. Em outro momento, reforçou uma crítica ao prolongamento dos conflitos políticos: “O Brasil precisa virar essa página. Chega de revanchismo”.

### Papel do Senado

Na avaliação do senador gaúcho, o Senado continuará concentrado na votação de temas econômicos, fiscais e de segurança jurídica, mas dificilmente conseguirá escapar do impacto da campanha eleitoral. Mourão observa que o calendário político reduz o espaço para matérias mais polêmicas, e amplia o peso das negociações entre governo e oposição.

### Defesa do Brasil

Independentemente das disputas partidárias, o senador defende que o Congresso mantenha como prioridade a defesa dos interesses estratégicos do País. Segundo ele, “momentos de tensão internacional exigem responsabilidade institucional e capacidade de diálogo”. Para Mourão, “o Brasil precisa preservar sua credibilidade externa, fortalecer a segurança jurídica e oferecer estabilidade para investidores, produtores e trabalhadores”.

### Proteger a economia e a democracia

O desafio do segundo semestre, conclui Hamilton Mourão, “será impedir que a disputa eleitoral se sobreponha às decisões necessárias para proteger a economia, a democracia e os interesses permanentes da Nação”.

# Sistema financeiro do

## Entrevista Especial

**Bolívar Cavalier**  
bolivarc@jcrs.com.br

Economista egresso do mercado financeiro, Eduardo Moreira se posiciona hoje como uma das vozes mais críticas no Brasil ao sistema financeiro, que, na sua avaliação, privilegia “quem não trabalha”. Nesta entrevista ao **Jornal do Comércio**, ele destaca a elevada taxa de juros brasileira, que faz com que muitos optem por viver de renda em vez de investir no desenvolvimento do País.

Para Moreira, a questão dos juros altos no Brasil não é pontual, mas conjuntural, e deriva principalmente dos anos 1990, quando o País se recuperava de um período de hiperinflação e, desde então, os responsáveis por estruturar a política econômica temem que algo similar se repita. Para evitar a escalada desenfreada da inflação, a aposta é manter a taxa de juros elevada. O economista acredita que, na atual conjuntura, a redução da Selic não poderia ser na “canetada”, mas a partir de diversas medidas estruturantes e pensadas para o longo prazo.

Moreira afirma que tentou mudar o sistema financeiro “de dentro”, mas ao observar uma inviabilidade nisso, decidiu apostar em comunicação e lançou o Instituto Conhecimento Liberta (ICL).

**Jornal do Comércio - Como é sua relação com o RS? O que significa receber a Medalha do Mérito Farroupilha?**

**Eduardo Moreira** - É uma honra tremenda. Eu tenho uma ligação muito grande com o Estado. Duas figuras me vêm muito à cabeça. Uma é (o ex-deputado estadual) Frei Sérgio (Görgen), falecido há pouco tempo. Uma pessoa muito querida e que sempre foi um orientador espiritual, e uma pessoa a quem eu sempre recorria nos momentos de dúvida, de dificuldade, de insegurança, de medo. E a outra pessoa é o senador Paulo Paim (PT), porque ele que me ‘jogou’ nesse mundo da política. Acho que foi em 2019, se não me engano, (ele me chamou) para uma discussão sobre a reforma da Previdência em Brasília. Ele, muito amigo do Frei David, me chamou para ir em um debate, em uma audiência

pública, na Comissão dos Direitos Humanos, que ele presidia, e aí começou toda essa minha história no campo político. Então, eu sou muito grato a aqui, e tenho muitos amigos também na região. Nos livros que eu escrevi, e o primeiro livro que acabou sendo um sucesso, foi o ‘Encantadores de Vidas’, que fala sobre a relação com os cavalos. E é uma coisa muito forte aqui, essa cultura do cavalo. Então, já vim aqui algumas vezes dar palestras, fazer apresentações nos Centros de Tradição Gaúcha (CTGs), na Expointer e em outros lugares. Então, estar aqui recebendo essa homenagem é muito especial e sou muito grato ao deputado Zé Nunes (PT) por isso.

**JC - O senhor trabalhou no mercado financeiro, e hoje é uma voz crítica ao sistema financeiro brasileiro. Em que momento mudou de posição?**

**Moreira** - Eu acho que as coisas na vida, diferente do que muita gente imagina, não acontecem em um ‘raio que cai na nossa cabeça’. Eu acho que à medida que a gente vai envelhecendo, vai ganhando maturidade, vai aprendendo sobre aquilo que a gente faz, vai vendo que o impacto de todas as decisões, de todas as coisas que a gente faz na vida, não se encerra ali no primeiro grau de relação, ou seja, não é só com aquela pessoa que eu estou conversando ou para quem eu estou fazendo uma coisa que aquilo que eu estou fazendo impacta. Então, isso a gente só vai tendo com experiência, com a idade e com conhecimento. E, à medida que eu fui entendendo cada vez mais aquilo que eu fazia no mercado financeiro, eu vi que eu fazia parte de uma engrenagem que, da forma como funciona no Brasil, acaba privilegiando quem

não trabalha, quem vive de deixar o dinheiro rendendo e, o pior de tudo, ganhando muito dinheiro com a falta de informação das pessoas, com a ignorância das pessoas nessa questão financeira mesmo. A maior parte da população brasileira pega dinheiro emprestado em uma taxa que é muito acima do que poderia pagar, paga tarifas que não precisaria pagar. Então eu cheguei à conclusão de que eu contribuía para o Brasil que eu tanto criticava, para as coisas que eu tanto criticava. Eu era um cara que estava do lado dos que faziam o mal e não o bem para essa estrutura. E aí, obviamente, fui tentando de dentro do sistema e cada vez agindo de uma maneira mais diferente, até o ponto que eu cheguei à conclusão de que de dentro do sistema eu não conseguiria mudar nada. E saí e comecei a ensinar as pessoas como é que funciona.

**JC - Observa que há uma certa banalização dos abusos do sistema financeiro?**

**Moreira** - Isso. Não é que o sistema financeiro é ruim; o mundo funciona com dinheiro. Até os países comunistas, socialistas; todo país tem moeda, tem dinheiro, tem crédito. Agora, para quem isso serve? Em vários lugares diferentes do mundo, o mercado financeiro serve, primeiro, a grupos diferentes e em graus diferentes. No Brasil a gente tem um dos exemplos no mundo onde o sistema financeiro serve mais a quem não produz nada, ou seja, deixa o dinheiro só rendendo - é o país com a maior taxa de juros real do mundo hoje em dia - e, além disso, tem uma concentração brutal em pouquíssimos bancos que fazem o que querem com os seus correntistas.

**JC - Qual a explicação para a taxa de juros tão elevada?**



“A gente se colocou numa armadilha por causa da forma como estruturou a nossa economia”